

**UMA ENQUETE ALUCINANTE:
POLÊMICAS, IDEIAS E
PROPOSTAS NO MODERNISMO
DO CEARÁ (1922-1931)**

THIAGO DA SILVA NOBRE* 
**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO
CEARÁ, FORTALEZA, CEARÁ,
BRASIL**

RESUMO

Este artigo pretende demonstrar a diversidade de propostas e ideias existentes no movimento modernista cearense no início do século XX, a partir das respostas de alguns intelectuais participantes da enquete literária publicada no jornal O Povo em 1929. Entendemos que toda experiência histórica é única e irrepetível, por isso devemos entender os movimentos modernistas em suas particularidades e diversidades, sem cair em falsos dilemas valorativos que definem um modelo ideal a que toda experiência concreta deveria se adequar. Com isso, objetivamos apresentar a riqueza e a diversidade dos Modernismos ocorridos nas cidades brasileiras na década de 1920, especificamente o caso da experiência modernista cearense.

Palavras-chave: modernismo; antropofagia; literatura cearense.

ABSTRACT

This article intends to demonstrate the diversity of proposals and ideas existing in the Ceará modernist movement in the beginning of the 20th century, based on the responses of some intellectuals participating in the literary poll published in the newspaper The People, in 1929. We understand that every historical experience is unique and unrepeatable and that is why we must understand the modernist movements in their particularities and diversities, without falling into false evaluative dilemmas that define an ideal model to which every concrete experience should fit. With this we aim to present the richness and diversity of Modernisms that took place in Brazilian cities in the 1920s, specifically the case of the modernist experience in Ceará.

Keywords: modernism; anthropophagy; Ceará literature.

* Mestre em História pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). E-mail: thiagonobree@gmail.com.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo demostrar la diversidad de propuestas e ideas que existieron en el movimiento modernista en Ceará a principios del siglo XX, a partir de las respuestas de algunos intelectuales que participaron en la encuesta literaria publicada en el periódico *O Povo*, en 1929. Entender que cada experiencia histórica es única e irrepetible, y por eso debemos entender los movimientos modernistas en sus particularidades y diversidades, sin caer en falsos dilemas evaluativos que definen un modelo ideal al que toda experiencia concreta debe adaptarse. Con esto pretendemos presentar la riqueza y diversidad de los Modernismos ocurridos en las ciudades brasileñas en la década de 1920, específicamente el caso de la experiencia modernista en Ceará.

Palabras clave: modernismo; antropofagia; literatura de Ceará.

Um erro comum [...] é considerar o Romantismo [ou o Modernismo] uma espécie de entidade a-histórica ou de ideia platônica, sem fazer justiça à enorme diversidade de expressões – linguísticas, culturais, geográficas, geracionais – que abrange nem às inúmeras formas em que foi interpretado ao longo do tempo. (Miguel Vedda)

INTRODUÇÃO

Na epígrafe deste texto, e apesar de mencionar o Romantismo, Miguel Vedda¹ nos dá indicações teórico-metodológicas preciosas de como escapar aos deslizes interpretativos de considerar o Modernismo como uma entidade a-histórica cristalizada como ideia platônica fora da sua própria historicidade e do movimento contraditório da realidade. É por isso que preferimos o termo Modernismos, que desenvolveremos melhor a seguir.

No entanto, antes de apresentarmos ao leitor a diversidade de ideias existentes no Modernismo cearense através da enquete do jornal *O Povo*, é necessário fazer uma síntese ligeira sobre os principais momentos do movimento estético cearense.

Este artigo, fruto da pesquisa de dissertação² e em seguida da publicação em livro³, insere-se em uma frente de pesquisas que reinterpreta as experiências modernistas brasileiras a partir de suas particularidades e diversidades em uma temporalidade estendida, assim como critica a noção de Pré-Modernismo⁴ e a centralidade desmesurada à Semana de Arte de 1922. Ambas dando a entender que existiria um “vazio cultural” que só seria superado a partir desse evento cataclísmico, logo em seguida irradiando suas frequências renovadoras para o resto do Brasil.

1 VEDDA, M. Apresentação. In: LÚCAKS, G. *Goethe e seu tempo*. São Paulo: Boitempo, 2021.

2 Ver NOBRE, T. S. *A tribu de antropofagia: práticas letradas, cotidiano e modernismo(s) em Fortaleza (1922 - 1931)*. 2018. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, 2018.

3 Ver NOBRE, T. S. *Modernismo no Ceará (1922 – 1931): práticas letradas, cotidiano e experiência estética*. Porto Alegre: Editora FI, 2022.

4 O termo pré-modernismo foi proposto pela primeira vez, em 1939, pelo crítico literário Alceu Amoroso Lima, mais conhecido pelo pseudônimo Tristão de Ataíde.

Esse tipo de abordagem que estandardiza todas as experiências modernistas a partir de um modelo ideal é justamente o que vários autores vêm criticando pelo menos desde o final de década de 1970, imprimindo novas inflexões interpretativas à História do Modernismo, como é caso de Eduardo Jardim Morais⁵, Silviano Santiago⁶, Flora Süssekind⁷, Francisco Foot Hardman⁸, Nicolau Sevcenko⁹, Monica Pimenta Velloso¹⁰, Ângela de Castro Gomes¹¹ etc. Cada um ao seu modo vem alertando para a necessidade de repensar o moderno sob a diretriz teórica que busca reavaliar tanto as rupturas e quanto as continuidades, compreendendo o Modernismo como resultado de um processo histórico em que era possível combinar as mais diferentes tradições, possibilidades e experimentações. Nesse sentido, devemos entender esses processos em suas pluralidades, ou seja, Modernismos.

E no Ceará não foi diferente. Pelo menos desde o Romantismo, passando pelo Parnasianismo, Realismo, Naturalismo e Simbolismo, assim como por grupos literários como a Padaria Espiritual¹², havia no Estado uma tradição de literatura regionalista que levava em conta o elemento popular. É por isso que o desenvolvimento do Modernismo cearense deve ser compreendido em três camadas.

Em primeiro lugar, o processo da literatura regionalista e da pesquisa do elemento popular que evolvia internamente, como podemos verificar em Juvenal Galeno, Oliveira Paiva, Rodolfo Teófilo, Adolfo Caminha, Antônio Sales etc.

Em segundo lugar, influência de autores e obras de vanguarda diretamente da Europa, não é à toa que o “Manifesto Futurista” (1909) de Marinetti tenha sido vinculado no mesmo ano de sua publicação em dois jornais do nordeste brasileiro, como foi o caso de *A República* (RN) em 5 de junho e do *Jornal de Notícias* (BA) em 30 de dezembro. Em 1923, as ideias futuristas já estavam sendo amplamente debatidas e polemizadas na imprensa fortalezense.

5 MORAIS, Eduardo Jardim. *A brasilidade modernista: sua dimensão filosófica*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1978.

6 SANTIAGO, S. *Nas malhas da letra*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

7 SÜSSEKIND, F. *Cinematógrafo de letras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

8 HARDMAN, F. F. *Nem pátria, nem patrão*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1983; HARDMAN, F. F. “Antigos modernistas”. In: NOVAES, A. (org.). *Tempos e história*. São Paulo Companhia das Letras, 1992.

9 SEVCENKO, N. *Orfeu extático na metrópole*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992; SEVCENKO, N. *Literatura como missão*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

10 VELLOSO, M. P. *Modernismo no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 1996; VELLOSO, M. P. *História & modernismo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010; VELLOSO, Monica Pimenta. O modernismo e a questão nacional. In: FERREIRA, J.; NEVES, L. A (org.). *O tempo do liberalismo oligárquico: da Proclamação da República à Revolução de 1930 – Primeira República (1889-1930)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. E-book.

11 GOMES, Â. C. *Essa gente do Rio...: modernismo e nacionalismo*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 1999.

12 Agremiação literária fundada 30 de maio de 1892 e tendo como integrantes Jovino Guedes, Antônio Sales, Livio Barreto, Adolfo Caminha etc. Foi marcada pela irreverência, pela defesa do nacional e pela pesquisa do elemento popular.

Em terceiro lugar, a influência exercida pela Semana de Arte de 1922, do desenvolvimento do Modernismo Paulista e das redes de socialidades, muitas vezes desiguais, estabelecidas entre os autores do centro econômico do país e da periferia. É assim que não caímos na teleologia de pensar que todos os caminhos possíveis levavam à Semana de Arte Moderna. A realidade concreta é contraditória e tortuosa.

Então, para entender o movimento modernista no Ceará¹³, precisamos recuar até pelo menos 1922, quando é possível perceber o surgimento de uma nova geração de intelectuais que ansiava por inserção e reconhecimento no campo literário de Fortaleza na década de 1920 e início de 1930, disputando o capital simbólico e antagonizando com a geração anterior devidamente consolidada e assentada sobre os louros de batalhas passadas¹⁴.

Evidência dessa diferenciação geracional foi a publicação de duas obras coletivas em 1922 na cidade de Fortaleza, ano importante de comemorações cívicas para a jovem república brasileira. *A Poesia Cearense no Centenário*, organizada por Sales Campos, congregou os literatos tradicionais da terra e teve apoio do governador à época Justiniano de Serpa. Por outro lado, *Os Novos do Ceará no Primeiro Centenário da Independência do Brasil*, organizada por Aldo Prado, coligiu os autores estreados no campo literário de Fortaleza no início da década de 1920.

Tanto na guisa ao prefácio escrito por Aldo Prado como no prefácio sem autoria¹⁵, em *Os Novos do Ceará no Primeiro Centenário da Independência do Brasil*, é possível perceber a insatisfação, a busca de reconhecimento e disputa por capital simbólico dessa nova geração de intelectuais. “A turma daí, a que organizou a *Poesia Cearense no Centenário*, foi cheia de fricotes. Parcial e adúladora. Injusta e servil. Daí a reação dos novos, que publicaram na época também uma coletânea fracota mas que fez história e significa como protesto”¹⁶.

Não podemos esquecer que, um ano antes, o livro *Jardim das Confidências* (1921), de Ribeiro Couto, entusiasmou os jovens intelectuais de Fortaleza. A poesia trazia algumas inovações nos temas e na forma, descrevendo fatos do cotidiano da cidade de São Paulo e não obedecendo à risca as métricas tradicionais, o que se convencionou chamar de Penumbrismo¹⁷. O Penumbrismo

13 Para uma introdução ao tema do Modernismo no Ceará, entre vários autores e obras possíveis, sugerimos Sânzio de Azevedo (2012), Rodrigo Marques (2018) e Thiago Nobre (2013, 2018).

14 BOURDIEU, P. *Economia das trocas simbólicas*. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

15 Segundo Otacilio Colares (1981), a pena irreverente por detrás do escrito panfletário fora a de Jáder de Carvalho.

16 COLARES, O. *Lembrados e esquecidos IV*. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1979. p. 171.

17 Segundo Antonio Candido apud Norma Goldstein (1983), o termo penumbrismo foi criado por Ronald de Carvalho para definir algo que lembrava o crepuscularismo italiano, uma espécie de poeira esfumada do Simbolismo.

encontrou um grande reverberar nas camadas jovens e nos intelectuais de segunda classe, assim como nos estudantes e comerciários de Fortaleza¹⁸.

Nas mesas do Café Riche, importante local de sociabilidade dessa geração, discutiam e recitavam Ribeiro Couto de cor, embora eles não fizessem a mínima ideia da diferença entre o chuveiro daqui e a garoa de lá. “[...] Estávamos cansados dos parnasianos brilhantes e bem arrumados, dos versos esculturais e lantejoulantes [...]. A temática do poeta santista era outra novidade. Não mais fidalgas e castelãs e sim raparigas doentes de bairros pobres [...]”¹⁹. Não é à toa que as poesias do livro *Os novos do Ceará no primeiro Centenário da Independência do Brasil* tenham sido fortemente influenciadas pelo Penumbriismo de Ribeiro Couto. Sâncio de Azevedo também reparou essa característica e afirmou que o “[...] Modernismo na terra de Alencar, apesar de precedido por notas de surdina penumbriista, vai explodir mesmo é em clangores de forte telurismo”²⁰.

Em 1909, Marinetti lançou o “Manifesto Futurista” em Paris e, em 1923, as novidades estéticas do Futurismo começaram a repercutir em Fortaleza. Não sem as reações das mais diversas. Em 1923, Antônio Sales, sob o criptônimo de Arthunino Valles, publicou no jornal *Correio do Ceará* 18 poemas satíricos sobre o Futurismo, intitulados “Estâncias Futuristas”. Outros intelectuais investiram contra a escola literária em outros periódicos, como Lúcio Várzea (Júlio Maciel) no jornal *O Nordeste* e Manfredo Rutilo (Cruz Filho) na revista *Jandaia*. O negócio fez tanto sucesso que o órgão *A Tribuna* publicou 11 poemets intitulados “Literatura sem Futuro”, autoria de J. Bernardo (Eurico Pinto). Cedeu espaço, também, ao Conde de Messejana (Terêncio Guedes Filho) com “Distâncias Futuristas”²¹.

Edigar de Alencar não deixou por menos e, em resposta, criou a seção “Saco de Gatos” na revista *Jandaia*. Distribuindo arranhões e arengas a todos aqueles que eram contra as novas ideias. “Para contrabalançar essa guerrinha e também para dar os meus arranhões, que sempre fui arranhento, criei na mesma revista a seção “Saco de Gatos”, onde também perpetrei pilhérias com o futurismo, sem poupar igualmente os que combatiam [...]”²².

Em 1925, Guilherme de Almeida percorreu os estados do Nordeste proferindo palestras sobre o recente movimento renovador paulista. Em Fortaleza, pronunciou a palestra “A Revelação

18 ALENCAR, E. *Variações em tom menor*. Fortaleza: Ed. Universidade Federal do Ceará, 1984.

19 ALENCAR, 1984, p. 30-31.

20 AZEVEDO, S. *O modernismo na poesia cearense*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2012. p. 15.

21 BÓIA, W. *Antônio Sales e sua época*. Fortaleza: BNB, 1984.

22 ALENCAR, 1984, p. 33.

do Brasil pela Poesia Moderna” no Theatro José de Alencar, com ampla propaganda e repercussão realizada pela revista *Ceará Ilustrado*.

Em 1927, saiu o primeiro livro autodeclarado modernista do Ceará, nomeado com o emblemático título de *O Canto Novo da Raça*, livreto em formatação verticalizada, sem paginação e em homenagem ao poeta Ronald de Carvalho. O livro tem autoria coletiva de quatro poetas estreantes: Jáder de Carvalho, Sydney Neto, Franklin Nascimento e Mozart Firmeza (Pereira Júnior). Várias eram as tendências de temas e formas vazadas nas poesias do livro como, por exemplo, regionalismo, ufanismo, nacionalismo, Futurismo, Penumbrismo etc.

Em 1928, foi criado por Demócrito Rocha²³ o jornal *O Povo*, importante meio de divulgação dos autores modernos e das ideias modernistas. Demócrito Rocha, também conhecido com o pseudônimo de Antônio Garrido à época, tornou-se um polo magnético e grande articulador do movimento modernista, divulgando, publicando e promovendo ações. Prova disso foram as várias notícias vinculadas quase que diariamente sobre o tema e as diversas seções criadas como, por exemplo, “Modernos e Passadistas”, “Mudanismo”, “De Antropofagia”, “Literatura Antropofagista” e a promoção da enquete literária entrevistando os intelectuais da cidade sobre o Modernismo. E na redação do *O Povo* foi criada, também, em 30 de maio de 1929, ao soar do boré, a agremiação literária intitulada “Tribu Cearense de Antropofagia”.

Outras empreitadas importantes foram as publicações das folhas modernistas *Maracajá*, *Tangapema* e *Cipó de Fogo*. *Maracajá* e *Tangapema* saíram como suplementos literários e *Cipó de Fogo* como publicação independente. *Maracajá* teve dois números (7 de abril e 26 de maio de 1929) e saiu como suplemento literário do jornal *O Povo*. *Tangapema*, ao que sabemos, deve ter tido apenas um número, infelizmente não encontrada em nossa pesquisa, saindo como suplemento literário do jornal *O Ceará*. *Cipó de Fogo* teve somente um número, em 27 de setembro de 1931, saindo como edição independente.

Esses foram apenas alguns eventos importantes para o movimento modernista cearense, que nem de longe tivemos a intenção de citar enciclopedicamente, apenas tentamos situar o leitor em algumas bases seguras sobre o tema. O movimento geracional que iniciou em 1922 e se dinamizou em 1927, 1928, 1929 vai encontrar a sua exaustão e desagregação em 1931, pelo menos foi o que percebemos analisando os jornais da época, principalmente *O Povo*. Notícias, debates, polêmicas e propagandas sobre o assunto vão escasseando até desaparecem. Os tempos

23 Foi um grande articulador no Modernismo cearense. Fundou a revista *Ceará Ilustrado* (1925), o jornal *O Povo* e o suplemento literário *Maracajá*, todos eles divulgando autores, poesias e ideias modernistas.

eram outros. A Revolução de 1930 levou muitos intelectuais a focalizarem seus interesses nos temas políticos.

É importante ressaltar que o Modernismo no Ceará não pode ser compreendido somente tomando em conta os livros publicados²⁴, pois, se vamos por esse caminho, temos a impressão errada de que o movimento foi incipiente e sem importância, apenas um decalque malfeito da Semana de Arte de 22. No entanto, os livros precisam ser articulados com as publicações na imprensa da época, pois grande parte da produção e da experimentação dos modernistas daqui foi realizada nos jornais e revistas.

No entanto, faz-se necessário assentarmos devidamente as nossas bases teórico-metodológicas. Ou seja, o porquê de usarmos Modernismos no plural e o que essa escolha acarreta para o tratamento do nosso objeto, bem como influencia em nossa interpretação e hipóteses.

POR QUE MODERNISMOS?

É provável que o leitor tenha percebido que colocamos um “s” impertinente no termo Modernismo, plurificando-o. Mas por quê? Pode não parecer, mas esse detalhe muda tudo, e é exatamente aí que baseamos nossas opções teórico-metodológicas de como interpretar o Modernismo cearense.

Monica Pimenta Velloso vem pelo menos desde a década de 1990 desenvolvendo pesquisas sobre o Modernismo a partir de uma perspectiva que procura compreender o “sentido do modernismo”, localizando-o

[...] na dinâmica histórica, relacionando-o com o conjunto dos fenômenos políticos e culturais que estavam acontecendo. É com base nessa visão mais ampliada da sociedade que poderemos captar a inteligibilidade do movimento percebendo-o nas suas diferentes inserções, formas e expressões²⁵.

Partindo de duas ideias principais, mas não somente, como, por exemplo, 1) a consciência da modernidade nasce precisamente do sentimento de ruptura com o passado; e 2) o sentido do moderno e do modernismo em qualquer época é sempre um processo de tornar-se. Pode ser tornar-se novo e diferente; pode significar subverter o que é velho. É nesse sentido que a historiadora defende assumir uma perspectiva analítica que compreenda

24 Se vamos por esse caminho, realmente temos a impressão de que tivemos um movimento pálido e raquítico, pois os livros publicados no período podem ser contabilizados nos dedos de uma só mão como, por exemplo, *O Canto Novo da Raça* (1927), *Terra de Ninguém* (1931) de Jáder de Carvalho, *Meteoros* (1930) de Mozart Firmeza (Pereira Júnior), *Carnaúba* (1932), Mandacaru escrito em 1928 por Rachel de Queiroz, mas publicado postumamente em 2010. Todos eles livros de poesia.

25 VELLOSO, 2018.

[...] o modernismo como um processo e movimento contínuo que vai desencadear vários outros movimentos no tempo e no espaço. Propomos pensar o modernismo a partir da perspectiva da simultaneidade, da continuidade e da pluralidade. É considerando o caráter complexo dessa experiência que preferimos adotar o termo “modernismos”²⁶.

A perspectiva que leva em conta a simultaneidade, a continuidade e a pluralidade se provou muito frutífera na interpretação das rupturas/permanências, particularidades e contradições das variadas experiências modernistas ocorridas pelas cidades brasileiras. Em outras palavras, escapamos à tradição intelectual que somente associa a irrupção do moderno à Semana de Arte de Moderna acontecida na cidade de São Paulo, consolidando-se como marco inaugural e referência ideal do Modernismo brasileiro. No entanto, esse processo foi bem mais amplo, complexo e contraditório.

É exatamente por pensarmos o Modernismo como um movimento em um espaço-tempo rigidamente definido (São Paulo/Semana de Arte/1922) que ignoramos os “sinais de modernidade” que já estavam acontecendo de variadas maneiras pelo Brasil afora.

Pelo menos desde a geração de 1870²⁷ estavam sendo esboçadas várias vertentes da brasilidade que, mais tarde, seriam selecionadas, retomadas e reelaboradas pelos modernistas. A construção de um “pensamento moderno brasileiro” que vai sendo gestado e desenvolvido ao longo do tempo possui a sua historicidade. Ou seja, existiam, desde o século XIX, tradições filosóficas no pensamento brasileiro que foram retomadas e reelaboradas ao longo da década de 1920. Por isso é importante nunca perder de vista as relações entre o ambiente intelectual existente e cultura modernista posterior. Mesmo que essas relações tivessem sido precárias e contraditórias, elas existiram. E para a geração de 1870, “ser moderno” significava, sobremaneira, buscar tanto o sentido da brasilidade como o significado de ser brasileiro, obviamente esse conhecimento sendo mediado pelo instrumental científicista do século XIX.

Segundo Monica Velloso, de modo geral, a historiografia literária não enxergou os vínculos entre as ideias e as gerações na passagem do século XIX para o século XX. Para a autora, nas décadas de 1990 e 2000, vem-se enfatizando cada vez mais a:

[...] impossibilidade de se trabalhar com um sentido unívoco do modernismo, alertando para a recepção e circulação das ideias e o fenômeno do transnacional. O papel exercido pelos distintos atores sociais, a dinâmica da imprensa e a própria especificidade das relações entre Europa e América devem ser levados em conta nesta reflexão, ajudando a elaboração de uma revisão crítica do fenômeno modernista²⁸.

26 VELLOSO, 2018.

27 Fizeram parte da Geração de 1870 intelectuais como Joaquim Nabuco, Alberto Salles, Sílvio Romero, Lopes Trovão, entre tantos outros, dos mais variados matizes ideopolíticos (liberais, republicanos, positivistas, federalistas etc.) e influenciados por doutrinas científicistas de Spencer, Comte e Darwin.

28 VELLOSO, 2018.

No entanto, Monica Pimenta Velloso faz parte de uma massa crítica de reinterpretação do Modernismo, que teve a contribuição de vários autores como, por exemplo, Eduardo Jardim, Silviano Santiago, Flora Süssekind, Francisco Foot Hardman, Nicolau Sevcenko, Ângela de Castro Gomes, Jorge Schwartz etc. Todos eles propondo novas inflexões interpretativas à História do Modernismo, em que se alerta para a necessidade de repensar o moderno, reavaliando-se rupturas e continuidades, compreendendo o Modernismo como resultado de um processo histórico em que se podiam combinar as mais diferentes tradições, possibilidades e experimentações. Nesse sentido, devemos entender essas experiências históricas em suas pluralidades.

Jorge Schwartz também vai nesse sentido afirmando “[...] que o Brasil [...] teve ‘modernismos’ multiplicados por todo o país, ora para fazer coro com os paulistas, como tentativa de sintonização com a ‘nova sensibilidade’, ora para se contrapor [...]”²⁹.

Ainda na perspectiva de crítica do paradigma de 22³⁰, outro flanco de ataque contra o arsenal teórico da historiografia tradicional sobre o Modernismo é o conceito de Pré-Modernismo.

O termo Pré-Modernismo, geralmente, é utilizado como sinônimo de antecedentes, precursores, pródromos, vazio cultural etc. E a tomada dessa chave interpretativa impõe caminhos e limites à compreensão do objeto. Esse antes e depois abstrato acaba, também, por perder de vista ou mesmo ignorar várias “expressões do moderno” que estavam aparecendo na dinâmica cultural brasileira, pelo menos desde o século XIX. Acabamos por não enxergar a dinâmica do processo histórico, pois o consideramos apenas

[...] um discurso e uma determinada leitura sobre o moderno, apagando-se a expressão das demais memórias [e experiências históricas]. Essa leitura – inspirada na centralidade de 1922 – foi construída pelos modernistas paulistas, que frequentemente se apresentaram como arautos da modernidade brasileira. Não se trata de negar a influência desse grupo; ela é de fato indiscutível. Mas é necessário relativizá-la, atentando para outras expressões do moderno presentes na dinâmica cultural brasileira.³¹

Não é de surpreender que, durante a década de 1920 em diante, apareceram manifestos, jornais e revistas modernistas como, por exemplo, *O Povo*, *Maracajá* e *Cipó de Fogo* (Fortaleza – CE); *A Revista* (Belo Horizonte – MG) e *Verde* (Cataguases – MG); *Era Nova* (João Pessoa – PB); *Arco e Flexa* (Salvador – BA). Em 1926, em Recife ocorreu o Congresso Regionalista do Nordeste, articulado por Gilberto Freyre. E “apesar de defenderem ideias distintas, esses

29 SCHWARTZ, J. *Vanguardas latino-americanas: polêmicas, manifestos e textos críticos*. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008. p. 24.

30 Ver VELLOSO, 2010.

31 VELLOSO, 2018.

movimentos expressavam uma mesma inquietação social: definir o regional em face do nacional, avaliando sua inserção singular na modernidade”³².

José Paulo Paes, a partir das correspondências, reinterpretou o período tradicionalmente definido como Pré-Modernismo em função de várias técnicas estéticas que transitaram das Artes Visuais para a Literatura, entre ornamentações e floreios discursivos, bem como o art-nouveau no desenho e nas artes aplicadas. Dessa forma, ele propôs o conceito de literatura art-nouveau para congregar tanto a crônica urbana de João do Rio (Paulo Barreto) ou de Théo Filho quanto o ambiente regionalista de Valdomiro Silveira ou Afonso Arinos, tanto a ornamentação superficial de Coelho Neto quanto o vocabulário cientificista de Euclides da Cunha. As chaves da sua interpretação estão baseadas nas correspondências plásticas e verbais, bem como na decoração art-nouveau para produção cultural do final do século XIX e início do XX³³.

Segundo Nicolau Sevcenko, os intelectuais brasileiros estavam engajados em um grande processo de transformações sociais, todos eles voltados para a experiência civilizacional europeia, tomando-a como alicerce e fundamento para a redenção do passado alquebrantado de uma ex-colônia escravista. Assim, um novo mundo liberal, democrático e progressista, de possibilidades insuspeitas, poderia surgir. O mote dessa geração de 1870 era sepultar de uma voz por todas o Império através das grandes reformas: a abolição, a república e a democracia.

O posicionamento político se tornou condição ética principal dos sujeitos letrados. As principais exigências urgentes para a mudança da realidade brasileira eram a transfiguração da sociedade para os moldes europeus, a modernização da nação e a sua entrada no sistema capitalista internacional, bem como a melhoria intelectual e material da população. Esses objetivos só seriam alcançados com a dinamização da economia nacional, o estímulo das iniciativas privadas e a ampliação da participação política. Esses personagens eram quase todos abolicionistas, liberais democratas e republicanos, trazendo na sua argumentação as novas ideias europeias. Tobias Barreto, Aluísio Azevedo, Rui Barbosa e Joaquim Nabuco são exemplos. Euclides da Cunha e Lima Barreto eram vértices convergentes de um leque de contradições que transpassavam a sociedade na época, pois estavam eximidos dos processos decisórios. Excluídos pelas elites e não reconhecidos pelo seu trabalho intelectual, eles sentiram o peso da arbitrariedade dos donos do poder. Por isso a sua identificação com a população marginalizada, cada um a seu modo. Com suas obras, eles delinearam propostas concretas para a salvação deles próprios e dos enjeitados,

32 VELLOSO, 2018.

33 SÜSSEKIND, 1987.

tudo pela palavra. Todo discurso assinala um ato fundador, pois, no momento em que nomeia os seres e as coisas, dá-lhes existência no interior de hierarquias que as delimitam e nos dão a conhecer a realidade conhecida e compreendida.

Em *Literatura como Missão*, Nicolau Sevcenko optou pela compreensão das diferenças entre grupos intelectuais da época, criando uma tipologia intelectual baseada em uma periodização emprestada da História Política. Os grupos eram formados pela camada dos vencedores (Coelho Neto, Olegário Matos etc.), pelos autores da moda, pelos marginalizados resignados (simbolistas, nefelibatas, decadentistas e remanescentes do romantismo) e pelos missionários (Euclides da Cunha e Lima Barreto).

Foot Hardman nos relata que a historiografia literária no Brasil sempre teve muitas dificuldades em estabelecer uma escola ou tendência hegemônica entre o final do século XIX e o advento do Modernismo, tanto com relação à prosa quanto à poesia, passando a denominar-se genericamente de Pré-Modernismo todo aquele momento literário cujas principais características eram a da heterogeneia e da contradição. Um intervalo temporal de mais ou menos 30 anos em que a cultura brasileira estava em efervescência.

O termo Pré-Modernismo, além de marcar um não lugar e uma transição, tomou como ponto de partida da sua periodização um movimento literário *a posteriori*, baseando-se em aspectos específicos que prenunciavam a ruptura. Nesse sentido, separaram-se as obras que traziam o germe da crise e da fratura e as que traziam o peso do repetido e do idêntico. Pré-Modernismo é uma definição que não expressa o contexto da época, mas apenas uma promessa, que se daria no desenrolar da década de 1920. Essas dificuldades interpretativas foram geradas pela disritmia na explicação das origens do Modernismo, no qual um consenso ensimesmado se cristalizou, a saber, os contatos com as vanguardas europeias teriam sido determinantes para produzir o rompimento de temática, forma e linguagem a partir de 1922. Sem essa influência externa não haveria sido possível aos intelectuais brasileiros transpor a estreiteza mental, o reacionarismo provinciano e a cultura bacharelesca das elites oligárquicas da República. Isso produziu a hipótese de que a nossa experiência cultural foi somente resultado da importação de estéticas estrangeiras (futurismo, dadaísmo, cubismo, pós-impressionismo etc.) e que seus aspectos conservadores e passadistas eram de determinação internas, como, por exemplo, o nacionalismo reacionário e a dominação oligárquica.

Por fim, Monica P. Velloso afirma que para compreender devidamente a instauração do Modernismo, é preciso enfatizar a existência de uma “cultura do modernismo”. Cultura essa

que ganhou contornos nítidos na virada do século XIX para o XX. Partindo dessa perspectiva, é necessário:

[...] buscar descontextualizar o movimento da década de 1920, inserindo-o no processo da dinâmica social cotidiana; desvincular o modernismo da ideia de um movimento cultural, necessariamente vinculado às ações das vanguardas artístico intelectuais; reavaliar, enfim, a inserção específica dos intelectuais cariocas na dinâmica do cotidiano urbano.³⁴

Como o leitor pode perceber, vários são os autores e as abordagens que procuram interpretar o Modernismo a partir de outros pressupostos como a simultaneidade, a continuidade e a pluralidade, escapando à centralidade excessiva focada no vanguardismo paulista. Demonstramos apenas algumas contribuições à massa crítica dentro de uma constelação bem maior e mais diversa, mas que acreditamos ser suficiente para que o leitor perceba o nosso alicerce teórico-metodológico em relação ao nosso objeto de estudo.

É dessa forma que descobrimos a riqueza e a profusão dos debates, polêmicas e experimentações estéticas, sendo exatamente esse aspecto que pretendemos demonstrar ao leitor na análise da enquete literária do jornal *O Povo*.

A ENQUETE

Práticas correntes nos séculos XIX e XX eram as enquetes promovidas pelos jornais e revistas da época. Podiam ser sobre os intelectuais, os poetas, os escritores ou até sobre a rainha dos estudantes. Demócrito Rocha, que já havia tido experiência exitosa com uma enquete sobre os príncipes dos poetas na revista *Ceará Ilustrado*, muito apreciada pelos leitores, teve a ideia de propor outra. Então, por que não fazer um concurso literário arguindo os intelectuais modernos e passadistas sobre o Modernismo? Seria um estouro!

Mário Sobreira de Andrade³⁵, em extenuante trabalho de meia hora pousado numa banca de jornal, formulou as perguntas. Porém, a grande ideia foi conceber o certame como uma partida futebolística, evidentemente em proveito da rápida difusão e apreciação do esporte britânico pelas cidades brasileiras.

Como era de se esperar, foi um jogo truncado e com várias bolas fora, porém os modernos ganharam dos passadistas de lavada. O placar final foi de 12 a 2. Mas não nos antecipemos, vamos à partida!

34 VELLOSO, 2018.

35 Foi uma figura atuante no movimento modernista cearense. Também foi atuante no apadrinhamento e promoção dos intelectuais do grupo Clã, segunda geração modernista do Ceará. No Ceará, era conhecido como Mário de Andrade do Norte e, no Rio de Janeiro/São Paulo, como Mário de Andrade do Ceará.

No jornal *Povo* de 27 de maio de 1929, saiu a primeira notícia sobre a enquete com o título “Cerca de quarenta intelectuaes conterraneos vão julgar o Modernismo”. Logo no início do texto foi feita uma avaliação e uma indagação dizendo que

A literatura modernista ou antropofágica vem sendo, depois do aparecimento de Maracajá; objeto de serias cogitações por parte dos círculos literarios cearenses. [...] Mas a revista em apreço está na berlinda. O Modernismo será Escola Literária? Viavel, simplesmente, ou victoriosa?³⁶.

Então resolveu-se endereçar 15 perguntas aos intelectuais da cidade sobre Modernismo. O questionário fora remetido a vários intelectuais como, por exemplo, Cruz Filho, José Sombra, Álvaro Bomilcar, Theodoro Cabral, Antônio Sales, Emygdio Barbosa, Antônio Furtado, Eurico Pinto, Gilberto Camara, Elias Mallmann, Moreira de Sousa, Matos Ibiapina, Carlos Gondim, Gastão Justa, Demócrito Rocha, Paulo Sarasate, Mário de Andrade, Jáder de Carvalho, Sydney Netto, Franklin Nascimento, Mozart Firmeza, Heitor Marçal, Júlio Maciel, Filgueiras Lima, Odette Nascimento, Juracyr Carvalho Lima, Maria de Lourdes Livino, Alba Valdez, Adelaide Amaral, Adília de Albuquerque Moraes, Stella Rubens Monte, Suzana de Alencar e Rachel de Queiroz. Vale dizer que nem todos os convidados enviaram as suas respostas, bem como alguns esquecidos na correria se sentiram à vontade para opinar também e enviar ao jornal suas opiniões.

Neste artigo, abordaremos somente algumas respostas, justamente aquelas que exemplifiquem melhor a variedade de opiniões e ideias existentes no Modernismo cearense. A primeira resposta foi publicada em 29 de maio de 1929, e o restante permaneceu sendo vinculado quase todo os dias até 1º de julho de 1929.

O primeiro gol foi de Elias Mallmann contra o Modernismo, apesar de rumores alegarem que a bola já tinha saído de campo: 1 a 0!

Segundo Mallmann, sobre o Modernismo era permitido escrever muita coisa, mas nunca se chegou a uma definição aceitável para todos. O movimento atual não passaria de fenômeno banal que a biologia explicava, tendendo a “reintegrar a mentalidade universal na normalidade que ella gozava de livre expansão e progresso, antes da phase de perturbação material e moral por que passou”³⁷. A agitação percebida nos círculos intelectuais, como se fossem células vivas, que surgiram com balburdia para mudar a concepção de arte, teve a sua função prática.

Geralmente, a origem do Modernismo era atribuída a Marinetti (apenas alguns e esporádicos lembraram Papini), que publicou, em 1909, o famoso “Manifesto Futurista”. Porém, já em 1902, teria iniciado o movimento com o poema “A Conquista das Estrelas”. Passados 20 anos, veio a

36 *O Povo*, 27 maio, 1929, p. 6.

37 *O Povo*, 29 maio 1929, p. 8

ebulição nas planícies sul-americanas do proselitismo reacionário. Porém, antes disso, o grande evento beligerante do início do século XX fez a demagogia plebeia querer tomar para si a direção das coletividades, bem como causou um grande golpe na vida econômica das pessoas, resultando num “salve-se quem puder pondo o instinto de conservação de parte os deleites espirituaes. Essa parada momentanea, irracional, surepreendente, rompeu ex-abrupto o surto natural, a conexão das aquisições espirituaes feitas pelo homem”³⁸.

Essa parada momentânea e irracional teria pausado a evolução natural das aquisições espirituais da humanidade. Com os ouvidos já bastante habituados aos bombardeios, poderiam se deleitar mais uma vez com Beethoven, Chopin, Gluck, Lizst, Debussy? Foi exatamente pela escuta, o sentido mais sensível, que o intelecto recebeu sobressaltado as novas sensações do século. A vertiginosa disseminação dos novos ritmos como o Charleston, Battons, Foxes e Shimmies, apelando para a exaltação e alvoroço dos temperamentos, gerou a concepção de poesia contrário às formas e à sonoridade. Para Mallmann, essa definição de prosa e de poesia eram errôneas, pois, sendo a prosa a construção de períodos e a melodia sonora escrita, a poesia era a harmonização dos signos e das palavras. A arte, em si mesmo, teria como essência a perfeição, não havendo a perfectibilidade sem universalidade e perpetuidade. A arte era a síntese do acúmulo do trabalho humano, que não passava do legado dos antepassados. E se, asseverou Mallmann, não tivéssemos suficiente “talento, engenho e genio para melhorar, pelo menos [...] [devêssemos] entregar como o recebemos aos nossos sucessores”³⁹.

Sobre a necessidade da criação de uma literatura nacional, era um dever e uma questão cívica, porém sem a balburdia e a bagunça deturpadora do idioma já emancipado de Portugal. Acerca do movimento modernista do Ceará, ele preferiu não cultivar inimizades, elegendo algum colega em detrimento de outro. Em nenhum outro estado, para ele, houve campanha mais ativa e aguerrida. “Duvido muito que qualquer outra província tenha uma mocidade de talento, do arrojo e da intelligencia dos cearenses. Tenho lido muito do modernismo e outros ismos do sul, e seria grande injustiça compara-los com qualquer um dos da terra”⁴⁰.

Depois do primeiro gol ser feito a favor dos passadistas, em contra-ataque de velocidade, Mozart Firmeza (Pereira Júnior) marcou o seu e deixou tudo empatado. A torcida foi ao delírio: 1 a 1!

38 *O Povo*, 29 maio 1929, p. 8.

39 *O Povo*, 29 maio 1929, p. 8.

40 *O Povo*, 29 maio 1929, p. 8.

Segundo Mozart Firmeza (Pereira Júnior), debatendo diretamente com o autor de Losango Cáqui, a poesia era uma senhorita garbosa que não gostava de usar eternamente a mesma toilette. A vestimenta era o conceito do Belo em Arte, sendo uma invenção humana e independente do Belo natural. “A mulher, nua, é a Verdade criada; vestida, é a Verdade que se cria... Assim na Poesia, onde também há duas verdades: intrínseca – a ideia; outra, extrínseca – a forma, que lhe dão os homens, conforme o gosto e a época...”⁴¹.

Por isso, o Modernismo era uma reivindicação para os cultuadores de belezas, que se descobriram pelados em sua liberdade. A confusão da polêmica não era de todo negativa, pois a diversidade de formas somente mostrava como a verdade seria relativa de cada pessoa. Ao menos, experimentar era uma arte própria, revelando o espírito e fazendo a vida valer a pena ser vivida. Firmeza não considerou o Modernismo uma escola literária, porém já era vitoriosa posto a quantidade de idiotismos da época. A grande guerra, chamando todos à realidade, exterminou de uma vez por todas o Parnasianismo, o que gerou o Futurismo, única planta que podia germinar (nesse campo de morte e pestilência), dando frutos azedos, em sua maioria, mas que o tempo em sua paciência trataria de adocicar. O movimento se alastrou pelo Brasil, sob vários aspectos e matizes, que com a obsolescência criativa veio a se mesclar, gerando uma escola. Muito provavelmente ela seria seduzida pelo Romantismo, que faria parte da índole do povo, mas desencarcerada de métrica e de rima. Sobre a influência do indianismo, o entrevistado afirmou que o momento atual, com o predomínio do rádio trazendo notícias do mundo inteiro, não poder-se-ia conceber o indianismo como escola. Como metodologia de trabalho e como propaganda poderia até ser. Seria possível, para o poeta, o retorno de alguma escola literária, qualquer uma tratasse de amor. A poesia nova seria “falar de *synthese*, de *belleza*, imaginação, de alma criadora”⁴², não importando os *tanka* ou *hai-kai* japoneses ou os *gazel* e os *rubai* persas. Nem tão pouco quem foi o legítimo criador do Futurismo (Papini, Alomar ou Marinetti). Bastaria aceitar que a poesia queria avidamente mudar de roupa.

Na terceira reposta, Suzana de Alencar Guimarães marcou mais gol pelo time de *Maracajá*: 2 a 1!

Na opinião de Suzana de Alencar, o movimento modernista era um sonho de loucos, tal qual a utopia de Carlos Prestes, querendo acabar com a república brasileira de larápios e afanadores. Sonhadores e loucos tinham a mesma medida. Prestes foi exilado na Argentina, quem sabe os

41 *O Povo*, 3 jun. 1929, p. 4.

42 *O Povo*, 3 jun. 1929, p. 4.

modernistas não terminariam no asilo de alienados da Porangaba? Não mais se precisaria de escolas literárias. Cada um por si! Nem mesmo instituições de ensino eram necessárias para ensinar a ler. Antes de ingressar no ensino formal, ela já tinha aprendido a ler e a lançar improperios, com o velho João Brígido através das folhas do *Unitário*. Sobre o indianismo, o renascimento de alguma escola poética e a fundação de uma literatura brasileira, a poetisa afirmou que não entendia nada de escolas e que as odiava. O que elas faziam era imitar, estagnando a potência criadora. Os brasileiros não precisavam de escolas, seja lá quais fossem. Ela exultou e aprovou o regionalismo, o brasileirismo.

Gosto de escrever sobre o que é nosso; nas minhas paginas, sinto remorso quando não photographo a véla de uma jangada ou silhueta de uma ipê dourado... Que se faça uma literatura brasileira para cantar o Brasil tal qual elle é: cheio de flores, coberto de estrellas, povoado de heroes e de bandidos. E' esse o lindo sonho dos modernistas loucos!⁴³

Em 5 de junho de 1929, saiu a quarta reposta à enquete, o terceiro ponto foi marcado por Mário Sobreira de Andrade: 3 a 1!

Segundo Mário de Andrade, que estava em acordo com Suzana de Alencar, o movimento modernista foi o acontecimento mais fantástico dos últimos tempos. E ainda havia quem dissesse que o Ceará era um defunto. Sobre o Modernismo já ser vitorioso e se tornar escola literária, o ressurgimento de escola poética, a formação de uma literatura radicalmente brasileira e a poesia nova, ele falou que não haveria chance alguma, pois o que se fez “depois do advento do Modernismo foi uma frente unica, que não é Escola literaria, para combater qualquer gosto tendente a dar á arte expressão de coisa sempre velha e inutil”⁴⁴.

Indiscutivelmente, o movimento já era vitorioso, porque estrangulou o último soneto. Não seria possível o retorno de alguma escola poética. O Modernismo foi o romper de algemas e a legítima expressão brasileira. A nova arte poética correspondeu ao anseio coletivo de liberdade, pois tanto a rima quanto a métrica eram cativeiros. A musicalidade estava dentro do próprio idioma. Acerca do maior modernista brasileiro, ele reforçou a sua opinião dizendo que acima de Mário de Andrade (o da Paulicéia), de Raul Bopp, de Oswald de Andrade e de todos os grandes iniciadores do novo credo, estava o cantor do poema “Cabocla”, descrita por ele como a morena flor dos sambas sertanejos. Jáder de Carvalho era o nome dele. Sobre Maracajá e o melhor modernista do Ceará, ele falou que na prosa era Paulo Sarasate e na poesia era Antônio Garrido (Demócrito Rocha), desde a escrita de “O Jaguaribe é uma Artéria Aberta”.

43 *O Povo*, 4 jun. 1929, p. 5.

44 *O Povo*, 5 jun. 1929, p. 5.

Em 6 de junho de 1929, veio à lume a resposta inesperada de Renato Soldon, que estava na reserva da equipe: 4 a 1!

Apesar de esquecido da escalação oficial, ele não conseguiu permanecer fora do jogo. Sobre o Modernismo e se ele podia ser considerado uma escola, afirmou que ele causou uma utilíssima celeuma entre os passadistas empregadores do metro e que pesavam as suas produções nas balanças enferrujadas de Guimarães, Passos, Camões e Bilac. E no Ceará, estavam morrendo de medo de serem devorados. Ele o considerou como escola, porém não via com bons olhos esse termo. Pois era antiquado e lembrava “ordem, regras, professores, sabatinas etc. devíamos denominar o grande movimento de Açougue literario. Ou simplesmente: - Açougue”⁴⁵. O movimento já era vitorioso, o que faltava era devorar o resto dos vencidos. Assunto urgentíssimo! Pois esses perdedores eram “uma infinidade de proselytos. De fetichistas. Já está proclamada a derrota do passadismo. Vamos beber-lhe o sangue co cauim e comer-lhe a carne em moquencia”⁴⁶.

Acerca do indianismo, do renascimento de escolas literárias, da formação de uma literatura nacional e da poesia, ele comentou que era assunto complicado, preferindo deixar de lado a explicação, bastaria a sua prática. Julgou impossível o retorno de uma escola literária, bem como acreditou na formação de uma literatura genuinamente brasileira através do Modernismo. Pois ele “foi o período de gestação da antropofagia que será em breve uma literatura genuinamente brasileira. Sem ll, çç, th, te, eb, tt, nn, mm, ph, ff, rh etc. descida antropofagica! Carnificina! ... Início do Brasil brasileiro!”⁴⁷.

A poesia nova serviu para delinear os verdadeiros medíocres, nulos e plagiadores. Eram considerados grandes inteligências, mas tudo não passava de enganação e ilusão. Debatiam pelos cafés Ruy, Camões, Dante, Gorki, Camilo, Eça e não saiam disso. Os maiores modernistas brasileiros, para ele, foi Raul Bopp na poesia e Oswald de Andrade na prosa. Sobre o movimento no Ceará e Maracajá, ele disse que era ferrenho apoiador “E com a mais forte demonstração empurrando-o para a frente. A minha propaganda tem sido encarniçadíssima!... Em casa. Na rua. Nos cafés. Nos jornaes”⁴⁸. Apesar de conhecer e ter os dois números publicados de *Maracajá*, os ingratos ainda não o haviam requisitado nenhuma colaboração. “Injustos!... Exijo que me exijam!...”⁴⁹.

45 *O Povo*, 6 jun. 1929, p. 6.

46 *O Povo*, 6 jun. 1929, p. 6.

47 *O Povo*, 6 jun. 1929, p. 6.

48 *O Povo*, 6 jun. 1929, p. 6.

49 *O Povo*, 6 jun. 1929, p. 6.

Em 7 de junho de 1929, foi divulgado a sexta resposta, mas o sabatinado Gustavo Barroso, devido a suas respostas camaleônicas, mandou a pelota por cima da trave. O placar permaneceu 4 a 1.

Segundo Barroso, o movimento modernista era útil e necessário. Mostraria vida, reação, fermentação e ebulição, produzindo resultados. Ele era, também, o protestantismo das letras, “cada cabeça uma sentença. Dahi sua antropofagia: comem-se os seus propugnadores uns aos outros... E está certo”⁵⁰. Mas ainda não era vitorioso, era um meio e não um fim, o sucesso viria do que saísse daí.

Acerca do indianismo, do renascimento de alguma escola poética, da formação de uma literatura brasileira, da poesia nova e do maior modernista brasileiro, ele afirmou que os antigos representavam o universal pela imagem da serpente que comia o próprio rabo. Tudo no universo era cíclico. Sendo assim, o Modernismo carecia de passado e de tradição para se enraizar e se consolidar. O que havia de mais velho do que o índio? Só era possível o retorno de alguma escola poética de forma relativa, pois “[...] muitas vezes as escolas novas não passam de velhas escolas deisfarçadas com aquelas penninhas da conhecida adivinhação do caxovro...”⁵¹. O Modernismo contribuiu, sim, para a formação de literatura brasileira, pois havia nele um sentimento nacionalista bem delineado, percebido na sua pesquisa pelo índio, pelo folclore e pelos dialetos regionais. Por isso ele tinha simpatia pelos novos. No entanto, ainda faltava muita coisa para a poesia nova, apesar de trazer em si uma vantagem. Somente os de verdadeiro talento eram toleráveis. Comparando os dois tipos de poesia, ele usou o exemplo das qualidades de vinhos. Os bons apreciadores sempre tinham preferência pelos vinhos secos, permitindo sentir melhor a fragrância e o sabor da uva. Em contrapartida, os vinhos doces de excessivo açúcar impediam a degustação e o julgamento apropriado, porque qualquer zurrapa adocicada caía bem no paladar.

A poesia antiga tinha o assucar da rima e da metrica para nos enganar o ouvido e, assim, um soneto trivial bem medido e bem rimado parecerá coisa fina. Agora, não: nem pés, nem cabeça, nem rima, nem nada. E’ preciso, portanto; o talento de Guilherme de Almeida e de Ronald de Carvalho para não sossobrar. Agora é que é imprescindível seguir o conselho do espanhol: en el medio hay poner talento.⁵²

Sobre o movimento modernista no Ceará, *Maracajá* e os modernistas da cidade, ele comentou que devido à sua situação de hóspede em sua própria terra e aos poucos dias que tinha chegado, não podia dar a sua opinião. E, também, “como se trata duma tribu antropofagica e

50 *O Povo*, 7 jun. 1929, p. 3.

51 *O Povo*, 7 jun. 1929, p. 3.

52 *O Povo*, 7 jun. 1929, p. 3.

eu não pertenço ao Serviço de Protecção aos Índios, é necessario uma aproximação cautelosa, com o brado celebre de Rodon: Brabos não sejam!”⁵³.

Em 8 de junho de 1929, veio a público a sétima resposta de Filgueiras Lima, marcando mais um ponto ao Modernismo: 5 a 1!

Para ele, o movimento era a prova de que o Brasil não estava inerte, caminhava, fixando “[...] no chronometro universal, a sua hora de rebeldia e de intelligencia”⁵⁴. Não o considerou uma escola, era um movimento de transição da literatura brasílica. Passaria. Dela permaneceria, como alicerce, a verdadeira e genuína arte brasileira. O Modernismo já era, galhardamente, vitorioso. Porque “[...] livrou nossa terra da morphina do parnasianismo. Enfim, porque deu aso a que o coração, hoje, para bem amar e dizer, não precisa mais de sacrificar a ternura, como diria o estheta do Atheneu, ás quatro difficuldades de um soneto”⁵⁵.

Sobre o indianismo, o renascimento de escolas poéticas, a formação de uma literatura nacional, a poesia nova e o grande modernista do Brasil, ele opinou que era um retorno às épocas atrasadas dos poemas de Gonçalves Dias. “O Brasil-indio é o Brasil sem sonhos de renovação, nem ideaes de liberdade. Estacionario e bárbaro”⁵⁶. Toda escola traria consigo permanências de outras. Ninguém poderia esquecer o passado. Porém, renascer era impossível, pois o mundo e as pessoas mudaram. A vida era outra. A nova estética contribuiria, sim, para a consolidação de uma literatura brasileira, pois “Desse kaleidoscopio de idéas e de rythmos – que é o modernismo – surgirá a genuina literatura da Terra Virgem”⁵⁷. Já a poesia nova era fonte dos ideais de heroísmo, fé, reconstrução e coragem. Fé no destino da nacionalidade. E sobre

[...] os modernistas actuaes não ha como destacar o maior. Individualizar. Todos valem o que vale um homem novo, sem feiticismos. Um espirito moderno. Dinamico. De hoje. Desta hora de luctas e ascensões. Ronald de Carvalho – no Rio, e Jader de Carvalho – no Ceará, fazem a poesia que eu quero: Synthese e verdade, rythmo e emoção.⁵⁸

Em 13 de junho de 1929, foi publicada a décima reposta, autoria de Demócrito Rocha, que confiante e decisivo marcou o sétimo gol: 7 a 1!

Segundo o cirurgião-dentista e jornalista, o Modernismo foi a herança da “[...] inquietação universal da hora presente”⁵⁹, fenômeno ordinário no rol da História. E a literatura, reflexo da vida, foi a herança que os povos legaram para os confrontos seculares das ações humanas. Os

53 *O Povo*, 7 jun. 1929, p. 3.

54 *O Povo*, 8 jun. 1929, p. 3.

55 *O Povo*, 8 jun. 1929, p. 3.

56 *O Povo*, 8 jun. 1929, p. 3.

57 *O Povo*, 8 jun. 1929, p. 3.

58 *O Povo*, 8 jun. 1929, p. 3.

59 *O Povo*, 13 jun. 1929, p. 3.

muros de Troia tombaram e se fez a epopeia de Homero. A decadência beligerante de Roma fez os poetas Virgílio, Ovídio, Horácio e Propércio darem nova perspectiva à poesia. Eles cantavam os destroços da velha crença, descrevendo os costumes e intrigas, bem como conclamando os soldados a abandonarem as lanças e adotarem os arados. A tradição poético-filosófica havia sucumbido. As colunas da acrópole desabaram. E o latim, apesar de ter morrido de bebedeira, talvez até tenha sobrevivido nos seus poetas. A Idade Média tratou de sepultá-los. Mas o mundo continuou a mudar, acompanhado pela literatura, que também se modificava. Conforme a angústia dos povos, os problemas se transformaram. A Itália, com os círculos infernais de Dante, as ilhas britânicas, com transcendentalismo penumbriado de Shakespeare, a Espanha, com crítica mordaz de Cervantes, e Portugal, com Camões já empoeirado, porém habilidoso marinheiro.

Mas o que falar do Brasil? Quem foi o seu primeiro literato? O índio não tinha literatura. Os colonos desembarcaram trazendo a pimenta-do-reino e os livros de catequese. A literatura não era brasileira ainda. Foi portuguesa, flamenga, italiana e francesa. Ainda hoje, o Brasil importa pimenta e literatura.

Ora, é óbvio que nós precisamos conhecer tanto a pimenta do reino, como literatura estrangeira. Devemos conhecer o comércio, as indústrias e a cultura mental de todos os povos. Mas conhecer tudo isso, que é alheio, para fazer o que é nosso. Acabar de vez com a vassalagem literária.⁶⁰

Sempre haveria alguns que esbravejavam que o Modernismo era cópia. Muito pelo contrário, o que houve foi a reação contra uma escola literária que tinha os mesmos códigos, regras, ideias e técnicas dos europeus. Tudo indo de encontro às exigências vertiginosas do contemporâneo. Persistia a literatura com os temas que deleitaram os nossos avós. Para ele, escolas literárias eram coisas do passado, e o Modernismo estava em sua fase tumultuária. Ele já era triunfante. Haveria alguém que ainda lia livros de versos passadistas?

Sobre o indianismo, a volta de alguma escola poética, a formação de uma literatura nacional, a poesia nova e o maior modernista brasileiro, ele comentou que as mais pungentes características da brasilidade eram os índios. “Afugentá-lo dos nossos livros é repetir o gesto do invasor que o enxotou das nossas matas”⁶¹. O renascimento, seja lá do que fosse, só era privilégio dos vegetais. Até hoje nunca se ouviu falar de um ressurgimento espontâneo de escolas literárias que haviam percorrido todo o ciclo de vida (nascimento, maturidade, velhice e morte), permanecendo apenas em museus para estudos posteriores.

60 *O Povo*, 13 jun. 1929, p. 3.

61 *O Povo*, 13 jun. 1929, p. 3.

A poesia nova tinha que ser comunicativa e acessível. O seu objetivo era sugestionar e inebriar o leitor, e não devia aceitar a mediocridade de rimas inexpressivas. Escolher o maior do Brasil era um passadismo, dando ideia de avaliação. “Ademais, eu já não disse que estamos em phase tumultuaria? Os poetas modernistas do Brasil são valores heterogeneos. E’ impossivel compará-los”⁶².

Em 19 de junho de 1929 veio a décima segunda reposta. Nela, o poeta Júlio Maciel derrubou Lúcio Várzea (pseudônimo), em uma entrada dura, marcou pontos contra os modernos: 7 a 2!

Segundo ele, o Modernismo estava em seu ápice e com todos os diabos, como havia dito o caboclo Raimundo, que foi comido por uma onça no Amazonas. Era uma pena, pois todo o movimento exagerado e desmesurado acabava aquietando. Os modernistas teriam se tornado mais radicais do que os seus mestres.

Assim, no art. 3 do manifesto futurista disse Marinetti: ...nós queremos exaltar o movimento agressivo, a insomnia febril, o passo gimnastico, o salto perigoso, o supapo e o murro. Olhem que já era muito. Mas os discipulos não se satisfazem. E vae dahi querem comer gente. Do movimento agressivo, do supapo e do murro, passaram á antropofagia⁶³.

E foi desse ultraradicalismo que os modernistas caíram no passadismo, em tempos em que a espécie humana já estava se inclinando ao vegetarianismo.

Em 21 de junho de 1929, veio a público a décima quarta reposta. Rachel de Queiroz marcou o seu para o time de Maracajá: 9 a 2!

Mas um pouco antes em carta endereçada a Braga Montenegro, de 14 de junho de 1929, Rachel mencionou brevemente ao seu amigo sobre a enquete do jornal *O Povo*: “Novidades, d’aqui? [...] uma enquête do Povo sobre modernismo a que ainda não respondi. Ando com uma preguiça!”⁶⁴.

Segunda a poetisa, o Modernismo brasileiro não era apenas uma corrente literária, consequência da exaustão da tradição poética e da influência das vanguardas europeias. Ela afirmou que o avaliava “antes [como] uma manifestação, ou um symptona – da inquietação fecunda da geração, que em tudo demonstra a sua anciedade de produzir qualquer cousa de novo e de nosso”⁶⁵. Porém, o que saltava aos olhos e causava espanto era a falta de congregação e a excessiva individualidade nas propostas, em que cada um parecia fundar a sua própria escola. Bem diferente das escolas anteriores que possuíam “[...] organização docil e enfileirada [...],

62 *O Povo*, 13 jun. 1929, p. 3.

63 *O Povo*, 19 jun. 1929, p. 3.

64 QUEIROZ, Rachel. Destinatário: Braga Montenegro. Fortaleza, 14 jun. 1929. p. 1. Cópia datilografada.

65 *O Povo*, 21 jun. 1929, p. 3.

onde cada unidade das facções conclue perfeitamente os itens de seu programma e os segue com consciência e afinco, obedecendo á voz do orientador...⁶⁶. Para ela, o movimento artístico atual não podia ser definido como escola literária, não estando sujeitada ao ódio ou ao amor do grande público. A própria discussão sobre a sua viabilidade era debater um problema nacional.

Sobre o indianismo, o renascimento de outra escola poética, a formação de uma literatura nacional, a poesia nova e o maior modernista brasileiro, ela comentou que seria lastimável que todos os artistas se voltassem somente ao índio, mas é nele que “[...] repousam a força e a beleza da raça; que na gente abanheenga temos o tronco ethnico que mais nos honra; e que, se o indianismo não é o único caminho a trilhar, é uma bella vereda, rica de paisagens inéditas⁶⁷.

Não havia formas novas, apenas as mais oportunas. Qual das propostas passadas estavam em coerência com o tumulto inquietante, o abandono da rima e do metro, assim como a busca da síntese? O futuro era incerto e só o tempo confirmaria se o Modernismo formaria uma literatura radicalmente brasileira.

A poesia nova não era uma forma definitiva de beleza. Cumpria de forma honesta a sua obrigação de “[...] embrião, meio informe, ainda sem linhas determinadas, tentando atingir com esforço os últimos estagios do desenvolvimento⁶⁸. No entanto, nela já residia desenvolvida a harmonia da simplicidade, o abandono consciente de artifícios exagerados e enfeites ridículos, o que era o ideal supremo de beleza. Outra vantagem era a redução do poeta à raça, tornando o indivíduo em coletivo. O artista novo cantava as paixões das multidões ao invés de se fechar em si mesmo.

Em 25 de julho de 1929, saiu a décima quinta resposta de autoria de Franklin Nascimento. Em uma investida tresloucada marcou um golaço de cabeça: 10 a 2!

Na sua opinião, o Modernismo era a “Fiel codaquização do Seculo-Minuto. A alma instintiva do homem após-guerra espoucando de dinamismo e beleza! Sintese. Ritmo. Sinceridade⁶⁹. Não era escola literária, pois, sem algemas e sem palmatórias, devia criar o ritmo livremente, como dissera o poeta de *Toda a América*. Porém, já vitoriosa. “Foi assim: um saraivada de diretos, e o passadismo...nocaute! Assistencia: Missa de 7º dia⁷⁰.

Acerca do indianismo, do renascimento de alguma escola poética, da formação da literatura nacional, da poesia nova e do maior modernismo brasileiro, ele comentou que existia o indianismo,

66 *O Povo*, 21 jun. 1929, p. 3.

67 *O Povo*, 21 jun. 1929, p. 3.

68 *O Povo*, 21 jun. 1929, p. 3.

69 *O Povo*, 25 jul. 1929, p. 3.

70 *O Povo*, 25 jul. 1929, p. 3.

que não era uma escola, mas sim uma guinada antropofágica. “Introspecção. Brasilidade ou moquem!”⁷¹. Era loucura o renascimento de alguma escola poética do passado, “[com] Tangos e [com] fóquices executadas ao cravo (da Holanda, necessariamente...) [...] cousa pavorosa!”⁷².

O movimento, sem dúvida, levaria à consolidação de uma literatura brasileira, bastava ver o verde-amarelismo de Cassiano Ricardo, o tupi or not tupi de Alvaro Moreyra e Bopp, bem como o primitivismo de Mário de Andrade (do Sul), “simplesmente, a fundação ciclopica desse monumento colosso”⁷³. A poesia nova era similar a uma acrobacia aérea arriscada sem o equipamento de segurança, que, no caso, era a prestidigitação da métrica e da rima.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como o leitor pode perceber, tentamos evitar os lugares comuns de compreender o movimento modernista no Ceará como infrutífera, incipiente ou atrasada em relação a outros movimentos do país. Como é o caso da avaliação de Antônio Girão Barroso, mencionando que não era possível afirmar que

[...] o movimento modernista no Ceará foi dos mais intensos e significativos, a não ser, em relação a esse último tópico, de um ponto de vista estritamente local. Desencadeado em Fortaleza [...] não deixou [...] de obter alguma repercussão no interior de Estado, granjeando admiradores na sua maioria jovens em cidades do Iguatu, Sobral e Crato. [...] movimento, desenvolvido com natural atraso na década de 20 e inspirado sem dúvida na Semana de Arte Moderna de São Paulo [...].⁷⁴

No entanto, quando vamos às fontes, o que percebemos é exatamente o contrário. O período heroico e tumultuário do Modernismo no Ceará, dentro das possibilidades concretas, foi dinâmico, criativo, frutífero e com particularidades, assim como teve alguma repercussão nacional transpondo as muralhas da província.

É possível encontrar notícias sobre o movimento renovador do Ceará em jornais de São Paulo e Rio de Janeiro, bem como sobre *O Canto Novo da Raça* e *Maracajá*. Tristão de Ataíde (Alceu Amoroso Lima) cita os modernos do Ceará em pelo menos duas oportunidades na sua seção “Vida Literária” no periódico *O Jornal* (RJ), em 22 de janeiro de 1928 e 1º de setembro de 1929. Também encontramos notícias no *Correio da Manhã* (RJ) de 24 de janeiro de 1928, no *Correio Paulistano* (SP) de 16 de abril de 1929, na *Fon-Fon* (RJ) de 11 de fevereiro de 1928 e na *Malho* (RJ) de 28 de janeiro de 1928.

71 *O Povo*, 25 jul. 1929, p. 3.

72 *O Povo*, 25 jul. 1929, p. 3.

73 *Povo*, 25 de jul. 1929, p. 3.

74 BARROSO, Antônio Girão. *Modernismo & concretismo no Ceará*. Fortaleza: Instituto Lusíadas, 1978. p. 5-6.

E ao que parece, o livrinho modernista cearense chegou até Montevidéu. No jornal *A Esquerda*, de 6 de março de 1928, foi republicada a carta de Idelfonso Falcão a Jáder de Carvalho, de 1º de fevereiro de 1928, no qual o poeta e chanceler da capital portenha felicita os jovens poetas modernos e se propõe a fazer uma ponte entre eles e *Martin Fierro*:

Viva! O lindo livro de vocês, vanguardistas dessa tropicalíssima “cabocla bonita” que é Fortaleza, veio encontrar-me a convalescer de uma grave enfermidade [...]. Li-o de uma assentada. E gostei muito e muito. Felicito-os com calor, pela vibração que souberam dar a esse “Canto novo da raça”. Além dos valores modernos que revela, vale pelo alto espírito de justiça literária [...]. “Martin Fierro”, que é a publicação do maior grupo vanguardista daqui, vae confiar-lhe a sua representação ahi. Há de aceitar, de certo. Desse modo, vocês poderão comunicar-se diretamente com os vanguardistas, alguns de real valor⁷⁵.

Percorrendo as páginas da *Revista de Antropofagia*, também encontramos algumas contribuições de intelectuais da gleba alencarina como, por exemplo, o poema “O Índio Ciará” (Heitor Marçal), de 24 de abril de 1929, uma carta de Antônio Sales falando sobre os canibais do Ceará (modernistas) e *Maracajá*, de 26 de junho de 1929, o texto “Tocando a mesma inúbia” (Paulo Sarasate), de 19 de julho de 1929, “Carta a um antropófago de S. Paulo” (Heitor Marçal), de 1º de agosto de 1929, e “Filosofia de Antropófago” (Antônio Garrido/Demócrito Rocha), também de 1º de agosto de 1929.

Com um sorriso de canto de boca, perdoamos o sr. Antônio Girão Barroso que tinha lá as suas boas intenções, mas de boas intenções o inferno vai abarrotado. No entanto, essas imprecisões, muitas vezes repassadas à frente de maneira acrítica e apressada, acontecem em outros autores que trataram do tema, fazendo-se necessário e importante o levantamento bibliográfico e o cruzamento de fontes sistemáticas, bem como a consulta em vários acervos para a descoberta de materiais inéditos para avançar a pesquisa e colocá-la em outro patamar qualitativo.

Acreditamos que toda “[...] experiência histórica é [...], em certo sentido, única”⁷⁶ e que a análise concreta deve entender “de forma profunda os homens [e mulheres] reais e não dissolvê-los em um banho de ácido sulfúrico”⁷⁷. Se a hipótese não acompanha o movimento do real, pior para a hipótese.

É nesse sentido que defendemos que os estudos sobre o Modernismo no Ceará devem seguir, compreendendo essa experiência em suas particularidades e peculiaridades para não cair em valorações abstratas falseadoras do real. O Modernismo cearense não foi melhor nem pior

75 *A esquerda*, 6 mar. 1928, p. 1.

76 THOMPSON, Edward Palmer. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2012. p. 79.

77 SARTRE, Jean-Paul. *Crítica da razão dialética*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2002. p. 46.

do que outros ocorridos pelas cidades brasileiras, foi apenas diferente. E é na dialética entre semelhança e diferença que podemos revelar a riqueza e as contradições dessa experiência.

Mas que o leitor não se preocupe, este artigo foi apenas o aperitivo do nosso festim antropofágico. O prato principal ainda está cozinhando e pegando gosto com a própria banha: “Vamos beber-lhe o sangue co cauim e comer-lhe a carne em moquena. [...] Carnificina!”⁷⁸. Pois onde há carne humana é justamente aonde o historiador deve ir.

FONTES

Livros

CAMPOS, S. (org.). *A Poesia Cearense no Centenário*. Fortaleza: Tipografia Moderna, 1922.

CARVALHO, J. *et al.* *O Canto Novo da Raça*. Fortaleza: Tipografia Urania, 1927.

PRADO, A. (org.). *Os Novos do Ceará no Primeiro Centenário da Independência do Brasil*. Fortaleza: Tipografia Comercial, 1922.

Jornais/Revistas

CEARÁ ILUSTRADO, Fortaleza, 1925.

CIPÓ DE FOGO, Fortaleza, 1931.

CORREIO PAULISTANO, São Paulo, 1929.

MARACAJÁ, Fortaleza, 1929.

O POVO, Fortaleza, 1929.

Revista de Antropofagia, São Paulo, 1929.

A ESQUERDA, Fortaleza, 1928.

O JORNAL, Rio de Janeiro, 1928; 1929.

FON-FON, Rio de Janeiro, 1928

O MALHO, Rio de Janeiro, 1928.

Carta

QUEIROZ, R. Destinatário: Braga Montenegro. Fortaleza, 14 jun. 1929. Cópia datilografada.

⁷⁸ *O Povo*, 6 jun. 1929, p. 6.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, E. *Fortaleza de ontem e anteontem*. Fortaleza: Edições UFC/PMF, 1980.
- AZEVEDO, S. *Literatura cearense*. Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1976.
- ALENCAR, E. *Variações em tom menor*. Fortaleza: Ed. Universidade Federal do Ceará, 1984.
- AZEVEDO, S. O advento do modernismo no Ceará. In: FIÚZA, Regina Pamplona (org.). *Modernismo*. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2002.
- AZEVEDO, S. *O modernismo na poesia cearense*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2012.
- BARROSO, A. *Modernismo & concretismo no ceará*. Fortaleza: Instituto Lusíadas, 1978.
- BENEVIDES, A E. *Evolução do romance e da poesia cearenses*. Fortaleza: Imprensa Universitária da UFC, 1976.
- BÓIA, W. *Antônio Sales e sua época*. Fortaleza: BNB, 1984.
- BOURDIEU, P. *Economia das trocas simbólicas*. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- CANDIDO, A. A revolução de 1930 e a cultura. In: CANDIDO, A. *A educação pela noite & outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987.
- CANDIDO, A. *Literatura e sociedade*. 8. ed. São Paulo: Publifolha, 2000.
- COLARES, O. *Crônicas da Fortaleza e do Siará Grande*. Fortaleza: Edições UFC, 1980.
- COLARES, O. *Fortaleza descalça*. 2. ed. Fortaleza: UFC/Casa José de Alencar, 1992.
- COLARES, O. *Lembrados e esquecidos IV*. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1979.
- COLARES, O. *Lembrados e esquecidos V*. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1981.
- GOMES, Â. C. *Essa gente do Rio...: modernismo e nacionalismo*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 1999.
- GOLDSTEIN, N. *Do penumbrismo ao modernismo*. São Paulo: Ed. Ática, 1980.
- HARDMAN, F. F. “Antigos modernistas”. In: NOVAES, A. (org.). *Tempos e história*. São Paulo Companhia das Letras, 1992.
- HARDMAN, F. F. *Nem pátria, nem patrão*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1983.
- MORAIS, E. J. *A brasilidade modernista: sua dimensão filosófica*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1978.

NUNES, B. Correntes estéticas e modernismo. In: ÁVILA, A. *O modernismo*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

MARQUES, R. A. *A nação vai à província: do romantismo ao modernismo no Ceará*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2018. E-book.

MARQUES, R. A. Primeiro tempo modernista no Ceará: presença antropofágica. In: OLIVEIRA, I. T. SIMMON, I. M. (org.). *Modernidade e tradição na literatura brasileira*. São Paulo: Nankin, 2010.

NOBRE, T. S. *Geração moça desta gleba: movimento intelectual de Clã e a consolidação do campo literário de Fortaleza na década de 40*. 2013. Monografia (Licenciatura em História) – Universidade do Ceará, Fortaleza, 2013.

NOBRE, T. S. *A Tribu de antropofagia: práticas letradas, cotidiano e modernismo(s) em Fortaleza (1922 - 1931)*. 2018. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2018.

QUEIROZ, R. *Mandacaru*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2010.

SANTIAGO, S. *Nas malhas da letra*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

SARTRE, J. *Crítica da razão dialética*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2002.

SOUZA, S. (org.). *História do Ceará*. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1994.

SOUZA, S. *Seca*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.

SOUZA, S.; GOÇALVES, A. (org.). *Uma nova história do Ceará*. 2. ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.

SOUZA, S.; NEVES, F. C. (org.). *Intelectuais*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.

SEVCENKO, N. *Literatura como missão*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SEVCENKO, N. *Orfeu extático na metrópole*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SÜSSEKIND, F. *Cinematógrafo de letras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SCHWARTZ, J. *Vanguardas latino-americanas: polêmicas, manifestos e textos críticos*. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

VEDDA, M. Apresentação. In: LÚCAKS, G. *Goethe e seu tempo*. São Paulo: Boitempo, 2021.

VELLOSO, M. P. *História & modernismo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

VELLOSO, M. P. *Modernismo no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 1996.

VELLOSO, M. P. O modernismo e a questão nacional. *In*: FERREIRA, J.; NEVES, L. A. (org.). *O tempo do liberalismo oligárquico: da Proclamação da República à Revolução de 1930 – Primeira República (1889-1930)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. E-book.

THOMPSON, E. P. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. 2. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.

Recebido em: 09/10/2023 • Entregue em: 17/01/2024